

## **TRINTA: PERCURSOS DANÇANTES DA GAYA DANÇA CONTEMPORÂNEA**

Kenne Felipe Alves Vieira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)<sup>1</sup>  
Marcilio de Souza Vieira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O documentário “Trinta” evidencia a vida, as obras e as trajetórias de diversas personalidades potiguares do ramo da dança que fizeram parte do Grupo Gaya Dança Contemporânea da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como também perceber as influências que gerou um complexo de experiências em torno dos bailarinos que fizeram parte do elenco nas suas mais diversas funções. A Gaya estabeleceu um papel fundamental na formação de diversos alunos advindos de cursos diversos da UFRN, a exemplo da Licenciatura em Dança da mesma universidade. No documentário, a elaboração do roteiro e execução se estruturam em três fases: 1) Grupo de dança da UFRN: surgimento do grupo com o intuito de formar pensadores no fazer da arte no sentido pedagógico e não artístico, 2) Mudança do nome para “Gaia” Companhia de Dança, abrangendo maior número de participantes internos e externos da universidade, reconhecimento nacional e um caráter formativo artístico e pedagógico e 3) Gaya Dança Contemporânea que emerge em novas formas de processos criativos, no qual, as funções subvertem de forma colaborativa. Esse texto busca refletir sobre o documentário Trinta e a importância da Gaya Dança Contemporânea no contexto da dança na universidade. A abordagem metodológica utilizada partiu da análise do discurso como possibilidade metodológica.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Dança; documentário; Gaya Dança Contemporânea.

### **ABSTRACT**

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), [Kennefelip@gmail.com](mailto:Kennefelip@gmail.com).

<sup>2</sup> Bolsista de Produtividade em Pesquisa – nível 2, Artista da Cena, Pós-Doutor em Artes e em Educação, Doutor em Educação, Professor do Curso de Dança e dos Programas de Pós-Graduação PPGArC, PPGEEd e PROFARTES da UFRN. Líder do Grupo de Pesquisa em Corpo, Dança e Processos de Criação (CIRANDAR) e Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Corpo, Fenomenologia e Movimento (Grupo Estesia/UFRN).

The documentary “Trinta” highlights the life, works and trajectories of several Brazilian dance personalities who were part of the Gaya Dança Contemporânea Group of the Federal University of Rio Grande do Norte, as well as realizing the influences that generated a complex of experiences around the dancers who were part of the cast in their most diverse roles. Gaya has established a fundamental role in the formation of several students coming from different courses at UFRN, such as the Degree in Dance at the same university. In the documentary, the preparation of the script and execution are structured in three phases: 1) UFRN dance group: emergence of the group in order to train thinkers in making art in a pedagogical and non-artistic sense, 2) Changing the name to " Gaia” Dance Company, encompassing a greater number of internal and external university participants, national recognition and an artistic and pedagogical formative character and 3) Gaya Contemporary Dance that emerges in new forms of creative processes, in which the functions subvert in a collaborative way . This text seeks to reflect on the documentary Trinta and the importance of Gaya Dança Contemporânea in the context of dance at university. The methodological approach used was based on discourse analysis as a methodological possibility.

## **KEYWORDS**

Dance; documentary; Gaya Contemporary Dance.

## **Sobre a companhia**

A Gaya Dança Contemporânea é um projeto de extensão do Departamento de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e na última década do milênio vem traçando seu percurso artístico e educativo com peças de dança em processos colaborativos. Esses processos artísticos são, na maioria das vezes desenvolvidos com/pelos seus intérpretes-criadores mediados pelo professor coordenador do projeto.

No ano de 2020 a referida companhia completou 30 anos de sua atuação no mundo das artes cênicas se consolidando mais ainda no cenário artístico potiguar, ganhando reconhecimento e se reafirmando no cenário nacional e internacional. Cabe esclarecer que essa companhia foi criada no Departamento de Artes pelo professor Edson Claro e ao longo de sua história recebeu o nome de Grupo Avançado de Dança da UFRN, posteriormente Gaia Companhia de Dança e a partir do ano de 2005 passou a ser chamada Gaya Dança Contemporânea. A Gaya trabalha a dança em suas múltiplas possibilidades de formação, criação, difusão e apreciação descentralizando e subvertendo o integrante sobre funções administrativas e técnicas.

Instigar e possibilitar processos de criação coletiva nos corpos que compõem a companhia é um de seus objetivos enquanto projeto de extensão permanente da UFRN. As singularidades que compõem os corpos dos integrantes oportunizam a investigação dos movimentos através de processos criativos explorando de maneira criativa o seu potencial, fugindo de padronizações para construção de cenas e montagens de espetáculos potentes, originais e reais.

A Gaya dentro desses trinta anos passou por um processo formativo, levando em consideração a relevância do papel de cada integrante que passou por essa “escola” de formação, prezando sempre pela prática do diálogo, a construção de uma reflexão crítica, em que cada contribuição é levada em consideração dentro das atividades desempenhadas pela companhia.

A citada companhia surgiu no contexto dos anos de 1990 e sua primeira base técnica para formação da companhia foi o Método Dança-Educação Física e aulas de balé clássico. Essa primeira formação perdurou até 1997 com a finalidade de um aperfeiçoamento técnico e coreográfico. A segunda fase corroborou para o profissionalismo da dança dentro do espaço da Gaya com repertórios criados por coreógrafos nacionais e internacionais, bem como pelos bailarinos da companhia. Essa foi considerada a segunda fase e também momento em que o grupo mudou de nome de Grupo de Dança da UFRN para Gaia Companhia de Dança e a terceira fase que se inicia em 2005 até os dias atuais houve um investimento em um trabalho autoral, incentivando a produção em dança a partir da pesquisa e criação coletiva nos quais os dançarinos possuíam/possuem papel preponderante nos processos de criação dos espetáculos (VIEIRA, 2016).

### **Os caminhos**

Esse texto busca refletir sobre o documentário Trinta e a importância da Gaya Dança Contemporânea no contexto da dança na universidade e ainda através do vídeo-documentário, possibilitar por meio dos recursos midiáticos/tecnológicos o desenvolvimento do trabalho de apuração do acervo histórico e das produções artísticas do grupo, como também perceber a importância do papel da companhia no cenário das artes da cena. A abordagem metodológica utilizada partiu da análise do discurso como possibilidade metodológica. Na análise do discurso valorizam-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada (GODOY, 1995; SEVERINO, 2000).

Busca-se também uma reflexão sobre o movimento e os estudos corpóreos desenvolvidos pela companhia durante a passagem do tempo, permitindo assim o encontro entre as relações de dança e cinema, abordando o protagonismo dos participantes da companhia em seus diferentes rumos de atuação, nas mais variadas décadas de existência do grupo, compartilhando suas vivências e pontos de vista sobre a atuação nesse universo da dança contemporânea.

Por meio do documentário permitimos um encontro entre os trabalhos desenvolvidos por várias gerações, propondo uma contação de história vista por um novo olhar, surge daí um material didático, ético e político.

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento (LE GOFF, 2003, p. 547-548).

A companhia, como já dissemos em parágrafos anteriores, nasce no Departamento de Artes da própria instituição sob os desejos e orientações do Prof. Drº Edson Claro, que migra do Estado de São Paulo para trabalhar como profissional da dança na cidade do Natal e posteriormente como professor na UFRN. Na devida instituição, com o início dos trabalhos corporais e coreográficos, não existe necessariamente um compromisso com a produção de obras espetaculares de grande rendimento técnico e lapidação artística, interessavam os processos construídos entre os corpos e as possíveis interações entre arte e educação na formação de seres artísticos e críticos (LIMA JUNIOR, 2018).

### **O documentário Trinta**

“Uma história sobre um mundo imaginário, não é mais que uma história. Uma história sobre o mundo real é um argumento” (PENAFRIA, 1999, p.26). Essa explicação sintetiza a tradição do filme documental, que segundo Nichols, “[...] está profundamente enraizada na capacidade de ele nos transmitir uma impressão de autenticidade” (2005, p.20). A explicação da citação de Nichols pode ser vista no documentário Trinta produzido em comemoração aos 30 anos da Gaya Dança Contemporânea.

Trinta pode ser considerado um documentário de dança que recupera a história dançada da Gaya Dança Contemporânea por meio de trechos de coreografias e depoimentos de pessoas que participaram dessa história. Nichols (2010) vai dizer que o que ajuda a caracterizar o documentário é seu caráter mais próximo da realidade, principalmente pelos locais onde são realizadas as filmagens – o mesmo ambiente onde os fatos reais aconteceram. Mas ele não é apenas um registro documental de um acontecimento, é, principalmente, a visão do documentarista sobre aquela realidade. De acordo com Nichols, documentário não é a reprodução da realidade, mas a representação do mundo em que vivemos. Ele “representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares.” (NICHOLS, 2005, p. 47)

Durante as gravações desse documentário, todas as imagens registradas foram de peças dançadas pela supracitada companhia configurando, portanto, um registro documental das ações mostradas. Nada foi montado ou ensaiado. No entanto, é perceptível que o diretor escolheu algumas cenas ou imagens, em detrimento de outras, por dois motivos simples: não é possível registrar todos os momentos, por questões técnicas e de logística, e porque o diretor acaba escolhendo, consciente ou inconscientemente, as ações a serem registradas para formar a peça documental que ele tem em mente, ou que vai sendo apresentada durante o processo.

Corroboramos, na feitura do documentário, com o pensamento de Nichols que diz que:

Geralmente entendemos e reconhecemos que um documentário é um tratamento criativo da realidade, não uma transcrição fiel dela... Eles reúnem provas e, em seguida, utilizam-na para construir sua própria perspectiva ou argumento sobre o mundo, sua própria resposta poética ou retórica para o mundo. (NICHOLS, 2005, p. 68)

Querendo ou não, o documentário acaba sendo a visão do autor sobre o acontecimento e suas experiências anteriores interferem nesse processo. O documentário não apenas reflete os eventos documentados na obra. O documentarista constrói, na verdade, uma interpretação dos fatos por ele apurados. A sua posição diante dos acontecimentos relatados é evidente. Cada plano, cada escolha de fala determina a posição do construtor da obra. Em última instância, o documentário é a exposição de um ponto de vista.

Nos primeiros minutos do documentário<sup>3</sup> podemos apreciar trechos do espetáculo Solo, 1,2,3 para Luiz Arrieta de 1994; Amigos para sempre de 1997 e Umbal de 1996. Os trabalhos referendados não permitem uma boa visualização devido ao seu tempo de produção, mas vale ressaltar que as produções foram feitas e pensadas para serem dançadas em um palco, dificultando a captação dos movimentos, enquadramentos dos corpos dançantes e os elementos cênicos que estão no palco.

Mesmo não apresentando boa visualidade das cenas permite o entendimento desse movimento como arte. A Arte pode brincar com as fronteiras entre a aparência e a realidade, o único e o trivial, o óbvio e o impensável, a tradição e a invenção, etc. A Arte, então, como entende Pedroni (2019), não é uma transfiguração de conhecimentos previamente existentes ou somente forma de linguagem e expressão, mas é criadora e mobilizadora de saberes próprios, emergentes do deslocamento, da descontinuação que provoca pela experiência estética.

No segundo momento do documentário é apresentado o segundo ciclo da companhia, que vai de 1997 a 2005 inclusive com modificação do nome do grupo. O reconhecimento nacional começou a prevalecer em junção com a criação e montagem de espetáculos coreografados por coreógrafos renomados como Mário Nascimento, Ivonice Satie, Luis Arrieta, Tíndaro Silvano, dentre outros.

Destaca-se a necessidade de inserção do grupo num patamar das companhias de repertório do país que primavam por um alto rendimento técnico e a busca por uma estética compatível com esse padrão. Nesta feita, surge a necessidade da troca do nome grupo de dança por companhia de dança e passa-se a buscar treinamentos específicos para o alcance desse objetivo, criando uma espécie de hierarquia inerente aos grupos que trabalham nesses moldes (LIMA JÚNIOR, 2018 p. 22)

Para o documentário foram extraídos alguns fragmentos desses espetáculos que vislumbram detalhadamente os movimentos, pois aqui começam a surgir várias formas e possibilidades de captação de imagens, alternando ângulos, enquadramentos e posições. Isso permite que o editor componha e proponha novos olhares sobre uma nova perspectiva de dramaturgia.

As cenas se intercalam em diferentes tempos, cores e lugares evidenciando que podem surgir boas combinações entre os corpos em cena, agregando valor a história que pretende ser contada no documentário, como também ressaltar e valorizar cada obra individualmente. Nesses espaços de cruzamento entre fotos, vídeos, músicas e

---

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=tyaSMS5ukuQ&t=248s>

depoimentos agrega-se uma maior construção de uma composição poética no documentário.

Na narrativa do documentário merece destaque os depoimentos de ex-membro da companhia. Esses depoimentos costumam as cenas apresentadas e sintetizam esses 30 anos. Entre os excertos de peças coreográficas há depoimentos de diretores, coordenadores e iluminadores no documentário citado, assim como há uma narrativa cronológica em *off* que transita entre as imagens e os depoimentos.

É possível visualizar no documentário Trinta uma composição de cenas com excertos de trechos coreográficos importantes para a companhia, para a cena da dança potiguar e para a cena da dança nacional, pois esses espetáculos participaram de festivais e encontros de dança na capital potiguar e em alguns estados brasileiros onde a companhia circulou com suas apresentações.

A terceira parte do documentário tece considerações sobre a terceira fase do grupo que assume o nome de Gaya Dança Contemporânea e onde emerge novas formas de processos criativos de forma colaborativa. Os corpos, nessa fase, participam do processo de forma mais efetiva e direta, como intérpretes-criadores, acompanhando as tendências atuais da comunidade da dança em que todos os entes do processo criativo se constituem como membros geradores de uma coletividade (LIMA JUNIOR, 2018).

Para a construção do documentário em seu processo de captação, houve o recolhimento dos materiais fotográficos, videográficos que compuseram a tessitura imagética do documentário. O processo colaborativo permite que a criação seja ampla e cheia de plurais, pois é nessa necessidade de partilha e construção colaborativa que se consegue fazer o propósito desejado quebrando uma hierarquia existente e estabelecendo uma criação colaborativa em que cada um se reconhece e busca desempenhar uma função desejada agregando seus conhecimentos na cena dançada.

No final do documentário assistimos a ampliação dessas pesquisas de movimento sobre a variação dos corpos, dos cenários, da iluminação e dos figurinos, considerando os recursos tecnológicos como uma forma de intervenção e de proposição de se adentrar e criar uma nova dramaturgia através da edição. Nessa última parte do documentário, assim como as demais partes, exigiu-se o olhar apurado, estético e poético do coreoeditor. Sobre a função do editor, Pearlman (2012), comenta que.

[...] a tarefa de montar o filme de maneira que o tempo flua de modo efetivo, apesar dos cortes. Na opinião de Eisenstein, a passagem do tempo é criada durante a edição. O processo de montagem coreógrafa

de forma ativa os ritmos; ou seja, a edição junta pedaços de movimento no filme a fim de criar a sensação de decurso do tempo. De acordo com essa abordagem, o editor pega fragmentos de movimento e os transforma em frases. Aumentos e diminuições de ênfase, mudanças de direção e velocidade, tamanho, forma e desempenho são todos transformados no fluxo de dinâmica que é o significado das “cinefrases” (PEARLMAN, 2012 p. 228).

Neste ínterim, com a produção do documentário Trinta, viabilizamos uma maior visibilidade do fazer da dança na Gaya Dança Contemporânea por meio de outras linguagens artísticas explorando suas alternativas, utilizando-se dos recursos que estão à sua disponibilidade, construindo uma narrativa própria entre dança e cinema. Estudando e reconhecendo nossa própria história podemos estabelecer uma maior conexão e diálogo entre os artistas de várias gerações que passaram por aqui, propondo interação entre saberes e experiências corporais, culturais, étnicas e políticas.

Estas formas de produção têm aumentado o consumo em massa quando disponibilizados em várias plataformas digitais e de streaming, levando em consideração o contexto pandêmico que nos encontramos desde do início do ano de 2020, onde, públicos distintos têm se aproximado dos recursos de artes digitais. O documentário trinta está disponível na plataforma do Youtube, de forma gratuita para que todas as classes sociais possam acompanhar e conhecer esses trinta anos de atuação e modo de fazer dança.

## REFERÊNCIAS CITADAS

GODOY, A. S. Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63. Mar./Abr. 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

LIMA JÚNIOR, Francisco de Assis de. **As faces de Gaia**: os modos de compreensão do corpo na Gaya Dança Contemporânea. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas), UFRN, Natal, 2018.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

PEARLMAN, Karen. A edição como coreografia. In: CALDAS, Paulo (Org.). **Dança em foco**: ensaios contemporâneos de videodança. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.

PEDRONI, R. **A relação entre arte e política**: possíveis expressões de enfrentamento e contra-hegemonia, 2019. 90 f.: il. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Natal, 2019.

PENAFRIA, M. **O filme documentário. História, identidade, tecnologia.** Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

VIEIRA, Marcílio de Souza. *Gaya Dança Contemporânea: processos artísticos/educativos em três tempos.* **Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA.** Salvador: ANDA, 2019. p. 214-221.

VIEIRA, Marcílio de Souza. **Persona de dança:** Edson Claro. Curitiba: Prisma Editora, 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 21 ed. São Paulo: Cortez, 2000.